

Na esteira de Karl Marx: as classes sociais e o fetichismo da mercadoria.

Anotação preliminar. Seria conveniente ler para acompanhar a aula com mais facilidade:

- Entrevista a César Ruiz Sanjuán sobre **Historia y sistema en Marx I, II y III**.
- Aja Valle, J. y Sánchez Iglesias, E. (2020). *El análisis de clase marxista en la era de la precariedad y la flexibilidad, Cuadernos de Relaciones laborales*, 38(I), 145-165.
- <https://www.laizquierdadiario.com/Marx-las-clases-sociales-y-la-necesidad-de-volver-a-la-teoria>
- Henrique Amorim e Leandro de Oliveira Galastri: *Teoria do valor trabalho e classes sociais. Entrevista com Daniel Bensaïd em Crítica Marxista*, n.30, p.89-102, 2010.
- Jesús Rodríguez Rojo em vientosur.info/un-vaso-de-agua-fria-para-un-marxismo-templado/.
- Óscar Cubo Ugarte: *La lógica de la apariencia en Marx. Sobre la interpretación de Clara Ramas San Miguel del fetichismo y la mistificación capitalistas em ISEGORÍA. Revista de Filosofía Moral y Política*, nº 63, julio-diciembre, 2020.

Antes de dedicar duas seções (as classes sociais e o fetichismo da mercadoria) a Marx é necessária uma breve nota global, como introdução à sua obra. E o passeio será feito da mão principalmente de César Ruiz Sanjuán complementado por Aja Valle e Sánchez Iglesias.

Por que **História e sistema**? Por motivo de que é preciso destacar o caráter histórico da sociedade capitalista contra a visão burguesa que naturaliza e fossiliza as relações sociais para as tornar em eternas e imutáveis. Vai, então, contra o determinismo e a teleologia para não cair na inevitabilidade, no fatalismo, como se nada pudesse ser feito para mudar a realidade. Entram em combinação, portanto, sistema e estrutura com mudança histórica.

Contribuição à Crítica da Economia Política, é o projeto de Marx desde sua chegada a Londres em 1850, uma crítica que põe em causa a economia encarnada principalmente em Adam Smith e David Ricardo (outrossim chamados de economistas clássicos), encontra uma primeira versão nos **Grundrisse** (1857-1858), base de muito de seu trabalho posterior. Só vai publicar **Contribuição à Crítica da Economia Política** (1859) e o livro primeiro de **O Capital** (a primeira edição em 1867 e a segunda, com câmbios substanciais em 1872). Será Engels quem publicará, após a morte de Marx, os livros II e III. Poderia ser falado numa concepção antropológica na linha de **Ludwig Feuerbach** até 1845 e numa longa trajetória entre 1845 e 1857 em que há livros como **A Ideologia Alemã**. Como vetor de força da sua obra inteira negar uma ideia muito dominante no marxismo de tentar explicar os distintos modos de produção e prever o trânsito do capitalismo ao comunismo (aquela teleologia superindicada), como se tudo

corresse inexoravelmente em direção a uma meta e o capitalismo estiver condenado a desaparecer, como se fora possível descansar à sombra duma árvore em espera da morte do modo de produção burguês, como se não fosse necessário lutar contra o domínio burguês. Marx ocupa-se do sistema capitalista no seu desenvolvimento histórico, ele é um cientista e não um profeta. É assim mesmo fundamental analisar a influência de **Hegel** e como rompe com a sua filosofia.

Em oposição ao economicismo. A sociedade não pode entender-se em exclusiva desde factores económicos, nem compreender a dialética de forma mecanicista, como dinâmica de contradições que **determinam**, marcam inexoravelmente, o curso da natureza e da história. Há que quebrar, por conseguinte, com a visão hegemónica da Segunda Internacional e a sua supervivência no marxismo-leninismo. Trata-se de libertar o pensamento de Marx do uso dogmático que eles fizeram no longo período stalinista, quando se usavam determinados textos seus, de Engels, de Lenine, et cetera, para justificar (ideologia) uma ditadura. E será o **marxismo ocidental**, depois da primeira guerra mundial, quem tente recuperar a Marx, mas numa posição hegelianizadora.

A salientar que no nome de Marx, que não deveria tomar-se frivolamente, revoluções foram feitas, guerras foram declaradas, governos foram derrubados e novos estados surgiram... Talvez sua filosofia tenha sido objeto duma das maiores distorções.

Uma nova leitura de Marx. Convida-se a ler a resposta a essa pergunta na entrevista com López Arnal. Destaca-se particularmente a influência de Michael Heinrich de quem acaba de se publicar em espanhol o primeiro tomo duma biografia em três volumes intitulada **Karl Marx y el nacimiento de la sociedad moderna**.

É aconselhável não obscurecer o papel de **Engels**, que sempre teve uma concepção mais historicista e empirista da realidade social. De qualquer forma são importantes as suas coincidências e a luta de ambos contra as concepções simplificadas do materialismo histórico como uma doutrina geral da história. Mas eles devem ser comparados e não identificados.

Também teremos que colocar ênfase em **Georg Lukács**, criticado por Ruiz Sanjuán por seus excessos hegelianizantes, mas não hesita em reconhecer a relevância de sua obra e a enorme influência exercida sobre o marxismo ocidental (a.m.d.e. a questão da reificação).

Assim mesmo reconhece na entrevista o papel de **Louis Althusser** e os seus colaboradores (com quem trataremos em outros tópicos do programa). Traga-se à memória o controverso humanismo-antihumanismo.

E para concluir esta primeira secção há que apontar a limitação da economia política ou economia clássica, criticada por Marx por sua condição de ciência burguesa que a impede ir além do modo de produção capitalista. Ciência capturada pelo fetichismo da

mercadoria e a mistificação do Capital (o que se procurará compreender na terceira secção) e mergulhada em ideologia.

E agora adentremo-nos em **as classes sociais em Marx** na era da precariedade e da flexibilidade. Um dos artigos recomendados enfatiza a análise das mesmas em grande parte da obra de Marx, o que ajuda também a completar esse percurso do tópico anterior, que se centrou mais na crítica económica, numa indagação integral, de conjunto.

A concepção marxista de classe é económica, social, política, cultural..., histórica, situada, concreta..., trata das relações sociais de dominação e exploração no processo produtivo, enfoca a luta entre capital e trabalho, que não é fechada, do contrário mutante e dialética, embora tudo o tempo assimétrica. As classes constituem-se, autoconstruem-se na luta pela emancipação. Uma construção cheia de contradições, pois a homogeneidade está em conflito com a fragmentação. A tendência do capitalismo é à divisão, à precariedade, que possui um efeito desmobilizador e disciplinador. Importante entender que na atualidade o capitalismo propende à colonização de todos os aspectos da vida. A luta deve, portanto, ser concreta, específica, ao tempo que global.

Muito relevante o que Mariela Cambiasso indica sobre a perda da centralidade dos trabalhadores como sujeitos políticos de transformação social e sua substituição por configurações diversas e heterogêneas como os novos movimentos sociais ou os trabalhadores subordinados. Está muito longe aquele “final do proletariado” dos anos noventa do século passado... Recordo a Daniel Bensaïd e a Ellen Meiksins Wood..., e da mão de Edward P. Thompson confronta o estruturalismo de Louis Althusser para apontar que a classe não é uma categoria estática ou uma estrutura inerte, mas uma relação histórica que inclui experiência e consciência (está-se a encarar o problema da **subjetividade**). Aborda os três níveis de determinação patenteados por Daniel Bensaïd em diálogo com **O Capital** de Marx: o lugar da produção ou a pugna pelo tempo e as condições de trabalho (o trabalho necessário e o trabalho excedente); na esfera da circulação examina-se a força de trabalho como mercadoria e descobrem-se os conflitos sobre a definição de salários e a tão debatida distinção entre trabalho produtivo e improdutivo; e é no terceiro nível, a reprodução ampliada do capital, onde as determinações parciais anteriores se integram ao conjunto da competição pela taxa de lucro, a especialização funcional do capital e a distribuição da renda em que intervém o estado (a política torna-se não algo complementar, mas uma questão central nuclear). Critica Daniel Bensaïd “o final do trabalho” de André Gorz, o estrutural face à relação social, o marxismo de escolha racional, o marxismo analítico, et cetera. Este artigo termina por salientar a classe como processo, como relação, como antagonismo nas relações de produção, nem uma vez desligado da análise histórica e com o talvez mais crucial problema, o da fragmentação atual.

Uns meses antes de morrer em 2010 Daniel Bensaïd foi entrevistado por Henrique Amorim e Leandro de Oliveira Galastri (olhar de novo nesse encontro combinado na leitura que corresponde). Deve-se parar mentes na apresentação. E já na entrevista comprovar o motivo da relevância, ainda hoje, do pensamento de Marx (pois a sua atualidade é a atualidade do capital) e no momento é indicado que há que ir mais longe, não ficar onde ele parou – tenha-se em mente que seu trabalho é contemporâneo com o zênite da colonização, embora anterior à estrutura do imperialismo contemporâneo); que evita a divisão entre um Marx humanista e um Marx positivista; que enquanto houver espécie humana haverá formas de trabalho e formas de organizá-lo, mas uma questão muito diferente é que o trabalho assalariado capitalista deva ou não permanecer; que critica diversas posições teóricas, algumas das que já se mencionaram supra; que é muito crítico com a ideia de que o PCF se torne o representante da classe trabalhadora e que tudo o resto fique etiquetado como pequena burguesia; que é impossível ser livre fora do trabalho se permanecer dominado dentro dele (a construção da emancipação será, portanto, dentro e fora).

E para concluir esta seção fazer finca-pé no artigo de Rodríguez Rojo onde ele nota a veia romântica e comprometida do marxismo caloroso (representado, entre outros, por Daniel Bensaïd e Michael Löwy) diante de um marxismo frio e científico, e com um certo determinismo econômico, do autor e do seu mentor Diego Gurrero, para citar apenas alguns. E escreve: *“E para fazer uso da metáfora leninista da cana, pensamos que hoje ela se inclina para aquele marxismo de alta temperatura, que nos obriga a, para ajustar os parâmetros mais adequados, deitar sobre ela um copo de água fria”*. É nisso andamos.

O fetichismo da mercadoria e a mistificação capitalista. Para começar um texto de Marx em **O Capital**: *“ Para encontrarmos uma analogia temos de nos escapar para a região nevoenta do mundo religioso. Aqui, os produtos da cabeça humana parecem figuras autônomas, dotadas de vida própria e que estão em relação entre si próprias e com os homens. O mesmo se passa no mundo das mercadorias com os produtos da mão humana. Chamo a isto fetichismo”*. O que acontece no mundo da religião? Que o sujeito, o ser humano, produz um predicado, o ser divino – note-se que o homem não é à imagem e semelhança de Deus, mas ao contrário: Deus é construído à imagem e semelhança dos homens (por que o Deus cristão, a.m.d.e., é masculino, branco..., ocidental em grande medida?) - .Mas ocorre uma inversão, a realidade vira de cabeça para baixo. Uma criatura, Deus, transforma-se num criador e o homem enceta a adorar, o fetichismo, aquela fantasia de seu cérebro. Deus adquire os atributos do homem e o homem fica sem atributos. E o que acontece no capitalismo? Que o homem produtor, fabricante, elabora mercadorias (os valores de uso voltam-se valores de troca). À semelhança do mundo da religião, uma inversão é feita: o produto, a mercadoria, ocupa o lugar do produtor (o predicado transfigura-se em sujeito). A mercadoria subsume seu criador. O capitalismo cosifica, **reifica**, tudo. As pessoas desaparecem, só os benefícios importam. O produtor **adora** o produto e transforma-se num produto mais.

Nas fábricas não há pessoas, apenas máquinas a serviço do capital. Os sujeitos ficam tornados nulos, sujeitados. Cada vez que algo é comprado ou vendido ficamos presos ao fetichismo da mercadoria, interagimos com objetos que, como no caso de Deus, adquirem vida própria, estão animados e gozam duma **força misteriosa** que nos parece estranha. E nós somos subjugados. Dançamos ao ritmo da mercadoria da mesma maneira que ao ritmo da divindade. Esquecemos, se é que alguma vez o soubemos, que somos os criadores. O que deveria ser feito? Tirar os produtos do mercado capitalista e os transformar em meios de vida, mas isso seria equivalente a colapsar o sistema. Enquanto o mercado delimitar as necessidades das pessoas e as converter em mercadorias, não sairemos da pré-humanidade. As pessoas continuarão a ser meros números no altar do capital.

Marx acusa a Hegel, sua grande influência nos anos de faculdade, de mistificador lógico, de querer derivar a realidade de seu mero conceito ou ideia; ele também critica Stirner por resolver problemas reais por meio de palavras, de mudanças conceituais. Ele entende que **a mistificação** é uma forma especial de aparência, é manter o mistério, não revelar, esconder... E liga **o fetichismo** ao colonialismo europeu a partir do século XV, o tempo das grandes descobertas (na verdade os indígenas descobriram com pasmo que foram invadidos!). A palavra deriva do português “feitiço”, que denota e conota magia, feitiço, artifício, engano, falsificação e, ao mesmo tempo, adorno. Ao fetiche atribuíam os seus adoradores propriedades sobrenaturais – e ver como eles carregaram a água para seu moinho: os calvinistas holandeses diferenciaram o culto africano local do europeu, mas assim mesmo pensaram na superioridade do protestantismo sobre o catolicismo ao assimilar o fetiche africano à Igreja católica e considerar que a fé calvinista era mais sóbria e abstrata... - . No entanto Marx, especialmente o Marx maduro, insiste em que *“as relações sociais das pessoas aparecem, por assim dizer, invertidas, como relações sociais das coisas”*... Charles de Brosses parece ser a fonte principal da que bebeu Marx para o termo fetiche.

Ao especificar um pouco mais: as formas de fetichismo em Marx seriam **o fetichismo da mercadoria, o fetichismo do dinheiro e o fetichismo do Capital**. A respeito do primeiro vai-se resumir com suas palavras que as mercadorias passam a ser **“coisas sensivelmente supersensíveis ou sociais”**, isto é, que os produtos do trabalho humano, bens sensíveis e inertes, demudam na única realidade e a mais disto as pessoas incorporam-se ao produto, encarnam-se em produtos, despersonalizam-se... O fetichismo do dinheiro, expressemo-lo com termos igualmente de Marx, é *“apenas o mistério do fetiche da mercadoria tornado visível e deslumbrante diante dos olhos”*, quer dizer, que a magia do dinheiro é a invenção duma aparência objetiva a partir das relações de produção. O dinheiro, equivalência para trocar produtos, substancializa-se, ganha vida própria, autonomiza-se, vira-se em fetiche... E o fetichismo do Capital baseia-se em metamorfosear num poder social autonomizado, um poder dos capitalistas confrontados com a sociedade. O que os trabalhadores

parciais perdem está concentrado na frente deles em forma de Capital. Capital é aquele Deus absoluto a quem tudo se curva e que suprime as pessoas.

E agora transferimos esta concreção à mistificação do Capital e suas formas. Quando se ouve falar de fazer que o teu dinheiro trabalhe para ti, desemboca-se na crença, no feitiço, de que o dinheiro cria mais dinheiro. E assim parece, por descontado, para quem o possui. No entanto, é uma aparência. A verdadeira realidade é opaca: um mundo invertido (fetichismo) e um mundo assombrado (mistificação). Desvelemos um pouco isse mistério, issa mistificação, isse “quid pro quo” (algo que substitui outra coisa), isse estafamento, isse nom descobrir a verdadeira face do Capital. E similarmente em forma triádica: **mistificação do salário, do ganho e da renda do chão**. A mistificação, o mistério, do salário reside na transformação do preço em valor e o trabalhador nom é uma pessoa, mas sim uma **força de trabalho**, uma máquina, um instrumento ou ferramenta... A realidade efectiva está escondida – a inversom que, como dissemos, transforma as pessoas em cousas, em produtos... Inverter é se transformar no oposto do que se é. E mistificar é acobertar a verdadeira realidade: mentir - . A mistificação do salário consiste em que o seu modo de manifestação (preço do salário) **invisibiliza** a relação real: o preço da força de trabalho. E isso nos leva a falar de ganhos do capital (**mais-valia**), de tuda uma série de horas de trabalho nom pagado que redundam em lucro do empresário. **O salário nom paga o valor do trabalho vivo realizado**. Tudo o trabalho figura como pagado, mas nom é assim, porque há um trabalho apropriado e nom remunerado. O trabalho pagado encerra um **nom-equivalente**, um plus de trabalho nom pagado... Em relação à mistificação do lucro, observe-se que o trabalho está oculto como uma fonte real de mais-valia e se faz aparecer como fruto de todas as partes do capital: do capital fixo ou ativos imobilizados (terrenos, edifícios, máquinas, finanças); do variável (força de trabalho), et cetera. O investimento em máquinas, instalações, terrenos, dinheiro... serve de justificativa para guardar, mascarar, disfarzar, a exploração do trabalhador. Escreve Marx: “... com o capital que rende juros aperfeiçoa-se isse fetiche automático, o valor que se valoriza a sim mesmo, sem que assim se manifestem as cicatrizes da sua origem”. E o que diz respeito da mistificação da **renda da terra**, a mais-valia manifesta-se, patenteia-se, baixo a aparência de aluguel ou preço do terreno. Parece que issa mais-valia brota espontaneamente do **solo natural** em lugar de o atribuir a horas de trabalho nom remuneradas. A mistificação da renda da terra consome e abriga a totalidade das formas mistificadas: salário, lucro, juros...

Muitos acreditam que o capitalista tem o direito de se lucrar e exibem as razões mais estranhas, mesmo nenhuma razão, pois a sua figura está **naturalizada**. E o trabalhador, nom pessoa, é assim mesmo uma figura naturalizada. Cai-se no fatalismo, já se indicou, na inevitabilidade. E a teoria de Marx delata a aparência, viaja para as entranhas do Capital: a cousificação e a magia (o encantamento)... O trabalhador se sente na contabilidade capitalista como um parafuso, uma roda ou um motor... O capitalismo camufla e enterra a extorsom contínua. Na fórmula trinitária –

capital/lucro, terra/renda do solo, trabalho/salário - o trabalhador e o seu fazer como força de trabalho está desconetado da terra e do capital. Os lucros do senhorio e os do capitalista separam-se do trabalho da força de trabalho., figuras que som interdependentes mudam-se em autónomas.

O capitalismo nega sistematicamente a sociabilidade. O social vira-se em valor de mercado. O valor dos produtos do trabalho humano evapora para se tornar valor de troca. O humano é relegado. Há uma cegueira epistémica, um desconhecimento, em terminologia platónica, da ciência e da filosofia, porque a terra é lançada sobre a exploração estrutural, sobre a expropriação sistemática do produtor. Amais disso procede-se à deshistorização, à supradita naturalização, pois consideram-se as relações burguesas como eternas e imutáveis. Já é tempo de questionarmos as grandes ideologias ligadas ao capitalismo: filosofias da história, teleologias, ideia de progresso... Tempo de abandonar a ideia bíblica, e não tanto, de paraíso perdido e terra de promessa.